

FACULDADE DE TECNOLOGIA DA PARAÍBA – FATEC/PB

**BELEZA HUMANA / RESGATE HISTÓRICO DA BELEZA
HUMANA**

HÉRICA QUEZIA DA COSTA MONTENEGRO

JOÃO PESSOA - 2012

Hérica Quezia da Costa Montenegro

Resgate Histórico da Beleza Humana

Projeto experimental apresentado a Faculdade Tecnológica da Paraíba – FATEC/PB como requisito básico para obtenção do grau de Tecnólogo em Estética e Cosmética.

Orientador: Lindoval Luiz de Oliveira

João Pessoa – 2012

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA.....	04
2. REVISÃO LITERÁRIA.....	06
2.1. O INTERESSE PELA BELEZA HUMANA NA PRÉ-HISTÓRIA.....	06
2.2. A BELEZA HUMANA PARA GRANDES FILÓSOFOS.....	06
2.2.1. Sócrates.....	06
2.2.2. Platão.....	07
2.2.3. Aristóteles.....	07
2.2.4. Pitágoras.....	07
2.3. BELEZA MASCULINA NO EGITO ANTIGO.....	08
2.4. O MITO DA BELEZA NA GRÉCIA ANTIGA.....	08
2.5. A BELEZA NA IDADE MÉDIA E PERÍODO RENASCENTISTA.....	09
2.6. A BELEZA NOS SÉC. XVIII E XIX.....	11
2.7. MODERNISMO.....	12
2.8. CONTEMPORANEIDADE.....	13
3. OBJETIVOS.....	15
3.1. OBJETIVO GERAL.....	15
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
4. HIPÓTESE.....	15
5. METODOLOGIA.....	15
6. PERSPECTIVA.....	16
7. CRONOGRAMA.....	16
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	17
ANEXO I – QUESTIONÁRIO.....	19

RESUMO

A beleza humana sempre foi a maior inspiradora da arte e manifestações ligadas a beleza. Existem registros desde a pré-história em pinturas que o homem fazia em cavernas e escultura em pedras de deusas mostrando seu interesse na beleza do corpo nú com todas as suas formas exageradamente desenvolvidas com isso vê que o interesse na beleza natural dos seres humanos vem mudando ao longo dos tempos, pois séculos depois a mídia que é a maior influência do mercado da beleza e estética mudou os conceitos da beleza de mulheres de formas adiposas para as mulheres extremamente magras mostrando que a obsessão pelo embelezamento do corpo é uma realidade e isso foi crescendo e se aperfeiçoando até chegar à pós-modernidade, onde mulheres e até os homens se mostram mais preocupados pelo desejo de alcançar o ideal de beleza exposto pela mídia, por isso vivem na busca do corpo perfeito que esteja em equilíbrio com a saúde e bem estar. Para esta pesquisa, será feito um questionário que será entregue a homens e mulheres de diferentes faixas etárias e classes sociais que será respondido no período de três meses em algumas faculdades, clínicas de estética e academias para saber se houve aumento no interesse de investir na beleza ao longo dos anos e conscientizar as pessoas sobre o que é a beleza e mostrar que não precisam arriscar sua saúde para seguirem padrões exigidos pela sociedade.

Palavras-chave: beleza humana, registros, corpo perfeito

1. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A busca pela beleza é uma batalha que os homens e mulheres enfrentam a cada dia. A beleza do corpo é fundamental para a beleza da alma, por isso os seres humanos não medem esforços para alcançar o padrão que é exigido pela sociedade. Segundo o dicionário Aurélio, a beleza é definida como, “qualidade de belo, pessoa bela, coisa bela, muito agradável ou muito gostosa” (FERREIRA, 1999: pg. 285).

Desde os primeiros habitantes da terra no período Paleolítico, temos registros da produção de desenhos e esculturas onde sua principal característica era o naturalismo.

“Desde o dia em que Eva colheu uma folha para enfeitar sua nudez, percebeu que a natureza lhe oferecia elementos para a beleza e sedução” (AUTOR DESCONHECIDO).

Segundo Platão, Aristóteles e Plotino na idade média não existiam desejos carnavais, os filósofos entendiam que a beleza era a consequência do belo, o bom e o verdadeiro que em conjunto formavam uma obra. “Para Sócrates, é belo o que é útil e só o é enquanto útil” (BAYER 1993: pg. 35), ele acreditava que o bem era o útil, uma analogia do objetivo de desejo que deve ser atingido pelo homem.

Na Grécia antiga, surge o ideal de beleza onde ocorreu o desenvolvimento dos fenômenos estéticos através da forte influência que o “belo” representava após produzirem figuras humanas destacando a perfeição de suas formas naturais, “Para os filósofos Gregos, a beleza natural esta muito acima da beleza artística” (BAYER, 1993 pg. 35); também foram registrados entre os séculos XVII e XIX pinturas em telas de artistas plásticos mostrando mulheres com silhuetas e contornos corporais arredondados, exaltando os atributos de beleza feminina da época, onde a gordura era sinônima de beleza. “Ser gordo, encorpado, ter braços roliços, hoje considerados motivo de vergonha, eram indícios de status social” (BONUMÁ, 2009).

Na pós-modernidade é possível observar a obsessão e o exagero dos seres humanos para obter um corpo magro, bonito, jovem e malhado. No século XXI foi criado um padrão de beleza onde é exigido para o momento atual e os seres humanos estão investindo cada vez mais para alcançá-lo. As mulheres tem sido o principal alvo

mediado pelos interesses do mercado, deixando-as cada vez maiores reféns da sua própria imagem, cultuando as formas perfeitas (BAYER, 1993).

“O padrão inatingível de beleza amplamente difundido na tv, nas revistas, no cinema, nos desfiles, nos comerciais, penetrou no inconsciente coletivo das pessoas e as aprisionou no único lugar em que não é admissível ser prisioneiro dentro de si mesma”(CURY, 1958: pg. 6).

Os homens também não escapam dos estereótipos, que atualmente se mostram cada vez mais interessados na beleza do seu corpo, investindo em cosméticos caros, tratamentos de beleza, atividades físicas, mudança nos hábitos alimentares, entre outros. A história relata que não é de hoje que os homens investem na beleza e vaidade, pois já na época dos faraós, os homens se exibiam com saias curtas feitas com pelos de leopardos, faziam uso de joias, bracelete, perucas nos dias de festas e até a maquiagem que deixavam os olhos bem marcados. O homem moderno segue um estilo de vida cada vez mais característico, hoje existe um conceito chamado de metrossexual conhecido devido sua preocupação com a aparência, esses homens seguem um padrão, um “guia” de estilo que acreditam deixá-los mais bonito esteticamente sem atingir sua imagem masculina (AURIVAR, 2010).

Há milhares de anos homens e mulheres procuram uma fórmula para alcançar um padrão de beleza que obtenha uma mesma dimensão e proporcionalidade, o que diz respeito à necessidade de questionar o que é a beleza humana e no que o “ser belo” sempre influenciou na vida dos homes, mostrar a variedade de registros históricos valorizando a imagem o corpo idealizada por padrões de beleza em cada época e a velocidade das mudanças culturais ate a sociedade em que vivemos. Outro motivo para desenvolver esse projeto é a deficiência da abordagem do tema, existem projetos semelhantes nessa área, mas não aprofundam o assunto a ponto de comparar a beleza natural dos homens dos séculos passados até os tempos atuais, aonde a beleza natural vem sendo modificada pela artificialidade (BONUMÁ, 2009).

“Quem nunca teve a oportunidade de comparar os diversos tipos de beleza, indubitavelmente se encontra completamente incapacitado de dar opinião a respeito de qualquer objeto que lhe seja apresentado. Só através da comparação podemos determinar os epítérios da aprovação ou da censura, aprendendo a discernir sobre o devido grau de cada um” (HUME, 1989: pg. 266)

2. REVISÃO LITERÁRIA

2.1. O INTERESSE PELA BELEZA HUMANA NA PRÉ-HISTÓRIA

A pré-história é conhecida como o período passado da humanidade, onde surgiram os primeiros registros do homem e da escrita.

No Período Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada que vai de aproximadamente 40 000 a 10 000 a.C. o homem começou a desenvolver sua atividade artística nas paredes das grutas e cavernas onde viviam, eles pintavam animais e cenas vividas no seu cotidiano. Foi neste período que surgiram os primeiros trabalhos em esculturas que foram as estatuetas femininas esculpidas em marfim, onde sua principal característica era o naturalismo, como as esculturas da Deusa Vênus de Laussel e Vênus de Willendorf que apresentavam formas avantajadas e adiposas com contornos exageradamente desenvolvidos, seios fartos e quadris desmedidos representando um conceito de fertilidade (AURIVAR, 2010).

Podemos verificar que no rosto da Deusa Vênus possui um enfeite que o homem usava em suas esculturas para mostrar o poder de transformação do ser, evidenciando o início das pinturas e enfeites corporais como a primeira manifestação pela beleza e estética do ser humano (BONUMÁ, 2009).

2.2. A BELEZA HUMANA PARA GRANDES FILÓSOFOS.

2.2.1. Sócrates

O princípio da filosofia de Sócrates em relação ao belo se define pela *kalokagatia* que é um conceito que os gregos encontraram para compreender a bondade, nobreza, beleza, ética e a bravura de uma pessoa. “Para os pré-socráticos, a beleza estava associada ao Cosmos, através das características: harmonia e simetria” (AURIVAR FERNANDES, 2010). Sócrates então recorre a observação já platônica que diz que “A beleza quando se associa com o valor moral, é a beleza moral e não física”(BAYER, 1989: pg.34). Para Sócrates a beleza é uma arte para fins moralizadores.

“Sócrates leva a sua doutrina ao extremo: para ele, até as coisas feias podem ser belas se forem úteis, os meus olhos são feios, mas podem

olhar de lado, logo são mais vivos e móveis, logo mais belos”
(BAYER, 1989: pg.35).

2.2.2. Platão

Platão não escreveu uma estética propriamente dita, mas admite que o bem e o belo se identifiquem. Para ele a causa do belo não está na visão, nem no ouvido, mas em algum lugar, é o prazer do uso dos sentidos ao ver ou ouvir algo. Então deveríamos concluir que para Platão o belo é o agradável. “Para Platão, o belo é o bem, a verdade, a perfeição” (VALE, 2005). “A beleza do corpo pertence à beleza inferior. Platão coloca-se entre as qualidades inferiores: a saúde, a força, a riqueza” (BAYER, 1993: pg.41).

2.2.3. Aristóteles

Aristóteles era um naturalista lógico e nas suas obras continham por um lado a criação artística e por outro lado a ciência estética, para ele o bem e o belo são totalmente distintos. Defende que o belo é o resultado de um perfeito equilíbrio entre vários elementos. “Aristóteles é um lógico da estética, não um esteta” (BAYER, 1993: pg. 47).

“A busca da harmonia nas proporções levou a buscar um conjunto de regras que pudessem codificar a beleza e sua expressão, segundo regras da linguagem matemática” (MÉLEGA, 2003: pg.5), que estuda quantidades, medidas, espaços, estruturas e variações. Aristóteles então mostra que foi um artista com leis abstratas, lógicas e racionais, mesmo quando o belo não aparece de forma totalmente matemática.

2.2.4. Pitágoras

Pitágoras, da mesma forma que Aristóteles também usava um conceito lógico para definir o belo. Ao juntar a matemática com conceitos sobre o belo, o filósofo recomendou que um corpo e um rosto bonito devesse ser proporcionais e simétricos, isso inspirou muitos artistas que passaram a seguir esse ideal de beleza. “Ao olhar uma figura bela na Antiguidade, tinha-se a impressão de ordem, harmonia e de medidas exatas. Muito comuns eram o nariz desenhado, o perfil perfeito e os cabelos ondulados.

Alguns exemplos de obras: escultura de Apolo no templo de Delfo e a escultura Fauno Barberine (200 a.C)” (BONUMÁ, 2009).

2.3. BELEZA MASCULINA NO EGITO ANTIGO

No Egito encontramos relatos da beleza masculina onde, a arte ligada à religião resgata as imagens dos faraós na antiguidade. O ideal de beleza da época era representado por um jovem esbelto com quadris estreitos, ombros largos e cintura fina, eram muito preocupados com a aparência física e para manter a forma faziam dietas de frutas e verduras, os egípcios acreditavam que retirando todo pelo do corpo também retiravam as impurezas, faziam uso de cremes, banhos, máscaras faciais, óleos para manter a pele perfumada, e por último faziam uso da maquiagem que é a maior característica do povo egípcio, utilizado por homens e mulheres para espantar as moscas. Em suas esculturas as rugas e cabelos cinza quase não aparecem, mostrando como os atributos da juventude eram desejados. Os faraós usavam saias curtas (chantis), pele de leopardos e suas garras serviam de presilhas, as sandálias eram usadas em momentos apropriados, o homem egípcio também fazia uso de pulseiras, anéis, pingente de jade pendurado em um grande cordão, nos trajes de festas exibiam braceletes, colares, peitorais, pulseiras e perucas. Lembrando que esse traje e adereços não valiam para as classes inferiores, formadas por camponeses e escravos (AURIVAR, 2010).

2.4. O MITO DA BELEZA NA GRÉCIA ANTIGA

Os gregos antigos tinham uma forma de enxergar a vida em torno dos acontecimentos que os cercavam e buscavam explicação para tudo. A imaginação do povo criou diversos personagens e figuras mitológicas. De acordo com o povo grego os deuses habitavam o topo do Monte Olímpo, principal montanha da Grécia Antiga, eles eram imortais e possuíam características humanas (BONUMÁ, 2009).

O povo Grego produziu pequenas obras em esculturas, representando figuras humanas em argila ou marfim que o povo chamava de deuses, para representar a beleza

criaram Afrodite, deusa da beleza, expressão da natureza e do amor, imortal e eterno na idéia de beleza e perfeição. No Olimpo Romano também existia a deusa Vênus que exercia a mesma função de Afrodite, mas era a mais disputada entre homens e deuses provocando guerras e grandes paixões, “Ninguém resiste à beleza e ao amor que ela suscita. Até Marte, deus da força guerreira, é vencido pelas graças de Vênus” (MÉLEGA, 2003; pg. 3). Na mitologia também é possível encontrar as Ninfas, Nereidas, as dinvidades do mar, dos bosques, dos lagos, que exaltam a beleza, alma e os sentidos que exaltam o belo. Também encontramos na mitologia Eros o deus grego do amor, considerado muito belo e irresistível filho de Afrodite e Zeus, esta sempre a espreita dos belos de corpo e de alma.

“Herdeiros da tradição grega, para nossa cultura, a beleza do corpo passa a ser uma manifestação da própria beleza e equilíbrio do ser como um todo” (LUCIO, 2007).

Na sociedade Grega a beleza da mulher não era destacada, pois os homens predominavam e eram os únicos que portavam títulos de cidadãos, que na época era relacionado com a política e virilidade. Devido à prática de esportes, o homem possuía um corpo forte e esteticamente desenvolvido, na época existiam os jogos olímpicos que eram disputados em homenagens aos deuses (Zeus, Apolo, Athena, entre outros), esses esportes deixavam seus corpos modelados e belos e isso permitia que os homens se aproximassem desses deuses e da perfeição através de um corpo belo. “não há educação sem esporte, não há beleza sem esporte; apenas o homem educado fisicamente é verdadeiramente educado e, portanto, belo” (AURIVAR FERNANDES, 2010).

As estátuas gregas representam a importância da beleza e do culto ao corpo masculino na sociedade, e tinham que manter todas as regras das suas proporções para manter o equilíbrio das formas perfeitas do homem grego e exaltar as características de beleza da época. Buscavam-se a representação de uma beleza ideal que tendem a harmonizar a alma e o corpo, beleza das formas e bondade da alma (AURIVAR, 2010).

2.5. A BELEZA NA IDADE MÉDIA E PERÍODO RENASCENTISTA.

Na idade média não existia interesse na beleza física, o “belo” era visto através de um comportamento devoto e de pessoas com boa alma, que transparecia nas pessoas

resultando em um rosto angelical e puro. O ideal cristão da época era acabar com tudo que fosse sensível e sensual ao homem, por isso as mulheres foram apagadas quanto a seres sensuais. “Bocas muito pequenas e lábios finos simbolizavam fragilidade e ausência de desejos carnavais, por isso, eram valorizados” (BONUMÁ, 2009). Já o biótipo do corpo eram ombros estreitos e levemente caídos, seios pequenos e ventre proeminente.

Os líderes religiosos encaravam a maquiagem e uso de adornos como impuros e maléficos e mostravam sua indignação contra o uso, que não perdurou por muito tempo, pois no final do séc. XIII as mulheres se indignaram contra a igreja que acabou perdendo a guerra contra os cosméticos. O banho também era mal visto na época e era quase nulo, o que veio mudar no final da idade média, onde homens e mulheres se lavavam com mais frequência (BONUMÁ, 2009).

No século XVI, já no período renascentista foi dado início a valorização à gordura e a mesma estava associada à saúde, já a magreza era considerada sinônima da maldade e miséria em tempos de escassez de alimentos. O rei Francisco I era considerado “belo” por ser alto e forte e cometer excessos a mesa, o que indicava o ideal de beleza representado na época pelo rei e tinha de ser seguido pelos seus súditos.

“No Renascimento, há a soma dos critérios de proporcionalidade do período clássico ao advento do naturalismo: os corpos são roliços, os ombros largos, o busto proeminente e os quadris amplos e arredondados” (BONUMÁ, 2009).

A arte renascentista foi influenciada por grandes artistas como, Leonardo da Vinci, Donatelo, Michelangelo, entre outros, esse último dedicou sua vida para retratar sua paixão pela beleza masculina, emocional e esteticamente. Suas obras tinham ligação com a religião, suas obras eram direcionadas aos ideais gregos com suas formas perfeitas, o artista também era extremamente cuidadoso com o nu masculino, “pois a beleza do corpo para ele é a encarnação divina na forma humana, contudo, de modo passageiro” (AURIVAR FERNANDES, 2010). Suas obras mais conhecidas são na pintura: Criação de Adão, escultura: Moisés e Davi, todas de cunho religioso, “Percebe-se nas esculturas uma presença da força física nos braços, pernas e no equilíbrio das formas, o corpo masculino considerado belo, semelhante aos de Deus” (AURIVAR, 2010).

2.6. A BELEZA NOS SÉC.XVIII E XIX

No séc. XVIII a França conseguiu expandir a moda da corte francesa a nível mundial, e então se propagou o uso do pó de arroz, brilhos e perucas com cachos, e as mulheres usavam com intenção de atrair os homens. A corte francesa vivia luxuosamente, pó de arroz perfumado e os perfumes eram sinais de limpeza e status social, pois a moda era um privilégio dos ricos, mas o banho não era um hábito entre homens e mulheres, então eles utilizavam perfumes em grande quantidade para eliminar os odores e também acreditavam que o perfume também servia de desinfetante e eliminava as impurezas do corpo. O modelo de beleza seguido pelas mulheres da época era: lábios vermelhos, face rosada, pele clara, cabelo loiro, pescoço e mãos compridos, pés pequenos, seios firmes, brancos com mamilos róseos, a cor dos olhos varia, na França era admirado olhos verdes, e na Itália olhos castanhos ou pretos (AURIVAR, 2010).

Na década de 1740 os aristocratas começaram a tomar banho com maior frequência e construíam casas de banhos em seus palácios, já em 1750 o banho frio foi aceito pela sociedade, pois através de estudos científicos foram comprovados seus benefícios. Em 1770 foi dado início a uma lei que proibiam as mulheres de usarem maquiagem e cosméticos, pois eram vistos como um modo de seduzirem ou atraírem os homens para o matrimônio e também visto como bruxaria. Mesmo com leis que proibiam as mulheres de se enfeitarem, os artistas e as pessoas mais velhas continuaram a usar maquiagens pesadas na França e na Inglaterra até o final da Revolução Francesa .

Os homens também tinham preocupação com sua aparência e faziam uso de perucas, saltos, maquiagem e acessórios, e por isso eram vistos de forma “afeminados”, pois principalmente na Inglaterra os homens tinham que mostrar comportamentos machistas e viris. “O rei Luis XIV, também conhecido como o rei sol; foi o primeiro a usar sapatos altos (devido a sua baixa estatura) adornados com laços, pedras e solas vermelhas, grandes perucas, túnicas, golas com rendas e gravatas; todos os adereços apontavam para uma exibição que pressupunha dignidade, mesmo porque foi considerado um dos que implantou modismos” (BESSA, 2009 *apud* FILHO, 2009), e tudo que o rei usava era seguido e copiado na França.

Já no séc. XIX conhecido como romantismo, a aparência física da mulher foi muito marcante, elas trocaram a maquiagem exagerada do séc. passado para usar um estilo mais simples. As mulheres tinham como característica o ingênuo e fatal, selvagem e sofisticado, harmonioso e assimétrico. Tentavam disfarçar a gordura e excesso de pele com o uso de espartilhos de ferro para manter a elegância e forma física. A mulher dava muita importância a cor da pele, pois devia possuir a aparência de porcelana no rosto, busto e costas, por isso abusava do pó branco, e sombras pretas nos olhos para dar profundidade ao olhar, bebiam vinagre e sumo de limão para ficar com a aparência mais pálida. “O aspecto saudável é óbvio demais para ser admirado, excessivamente sem mistério. Há uma intrigante noção perversa na estética” (BONUMÁ, 2009).

O séc. XIX também foi cheio de mudanças na forma de vestimentas do homem, influenciados pela Revolução Francesa, que defendia os ideais de que a forma se vestir evidenciava na distinção de classes e deu lugar a um homem vestido de forma elegante e fina. O extravagante era visto como deselegante, e o homem começou a usar roupas que mostrassem sua sobriedade de empreendedor, usando apenas roupas de cores escuras.

“Diante desses fatos, faz-se necessário ressaltar que os ornamentos extravagantes presentes no século anterior, são neste momento de preocupação femininas, voltadas também para uma cultura estética. Ainda sobre essa época, os homens abdicaram da pretensão de rotularem-se como belos, passando então a preocuparem-se com a praticidade” (FLUGUEL, 1930 *apud* FILHO, 2009).

2.7. MODERNISMO

Não existe mais a idéia do ser perfeito como nos períodos passados. No início do séc. XX as pessoas são influenciadas por ícones da beleza expostos nas capas de revistas, cinemas e televisão, sem nenhum ideal específico, pois a influência dos ícones da moda pode ser modificada a cada semana. Os meios de comunicação foram os grandes responsáveis por reproduzirem o padrão de beleza exigido para a época, atingindo um grande número de indivíduos ao culto do corpo e rosto perfeitos. O mercado estético teve q investir muito em suas mídias para inserir o homem no ramo da beleza. “Em 1917, gastou-se sete vezes mais na propaganda de perfumes para homens do que para mulheres” (HAUG, 1996: pg.12).

Já em 1930 foi dado início ao cinema no mundo, as mulheres eram apresentadas com silhuetas belíssimas, e o cinema foi o maior responsável por influenciar um novo padrão de beleza onde as mulheres deveriam ter a cintura mais fina possível, o melhor exemplo da beleza na década era “Marilyn Monroe foi considerada uma das mais populares estrelas do cinema, apresentando um corpo invejável à época: 1,67 m de altura, 94 cm de busto, 61 cm de cintura, e 89 cm de quadril. Estava declarado o padrão de beleza a ser atingido pela mulher” (SILVA, 2011).

Na metade do séc.XX, o gasto publicitário foi acima da média para que os homens superassem os obstáculos enraizados na tradição da sua imagem. “O instituto de pesquisa Marplan, observou nos mais homens mais velhos o medo terrível de sair fora dos padrões remodelados e restabelecidos com base na jovialidade” (HAUG, 1996: pg.112). Isso mostra que no modernismo o homem ainda tinha o preconceito herdado pelos ideais dos seus antepassados, em que o homem deveria ter um comportamento moral e machista. “Os homens relutaram em usar os cosméticos por medo de serem vistos como homossexuais, ou seja, como enfeminados” (HAUG, 1996: pg.12).

“Em 1969, há uma nova determinação de característica sexual do homem, “o tórax é revalorizado, efeitos vigorosos nas costelas e cores marcantes acentuam que somos homens” (HAUG, 1996, pg. 115). “O macho, com sua rudeza no portar-se e na aparência, cedeu lugar a um novo tipo de homem, segundo o escritor Mark Simpson na metade da década de 90, nasceu o metrossexual, que é um novo modo de exercer a masculinidade, preocupado com a beleza e refinado no comportamento para consigo mesmo e seus pares” (FLOCKER, 2004 *apud* FILHO, 2009).

2.8. CONTEMPORANEIDADE

Hoje vivemos em um mundo onde a mídia e o mercado comandam os ideais da beleza humana, um mercado competitivo que cultua o corpo e a magreza extrema. Os novos afortunados do séc. XXI contratam profissionais para moldar ou criar o padrão de beleza exigido para o momento atual. “Presume-se que todo ser humano é um ser eternamente insatisfeito, estando à mulher no ápice dessa insatisfação, principalmente quando se refere ao aspecto corporal” (SILVA, 2011).

“Até as crianças e os adolescentes são vítimas dessa ditadura, com vergonha de sua imagem, angustiados, consomem cada vez mais produtos em busca de fagulhas superficiais de prazer” (CURY, 1958: pg.7). A obsessão por um rosto e corpo perfeito vem desde a infância onde as crianças são influenciadas por bonecas e super-heróis bonitos e sarados. “A Barbie, que persegue a juventude, a magreza e a alegria constante” (BONUMÁ, 2009). “A beleza e o corpo do homem se reproduziram por meio dos super-heróis, como o super-homem, homem-aranha” (FILHO, 2009), que reproduz na vida de um menino a valorização a um corpo viril e musculoso.

“A obsessão por um corpo magro e sarado tem tomado conta de muitos hoje em dia, mas apesar da inegável beleza de uma Gisele Bündchen ou de um Reinaldo Gianechini, não é preciso se igualar a eles para ser bonito. Como diz o ditado popular, “a beleza está nos olhos de quem vê”, e imagine que monotonia seria se todos tivessem corpos iguais àqueles idolatrados pelas revistas de moda” (MIRANDA, 2004).

A mídia contemporânea vincula somente corpos que se encaixam em um padrão estético “aceitável”, mediado pelos interesses da indústria de consumo. “Modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, em todos os formatos de mídia, num jogo de sedução e imagens” (PELIGRINI, 2004). As mulheres são o principal alvo preferencial da ditadura da beleza, por serem mais gentis, solidárias, sensíveis a esse universo da beleza inatingível produzido pelo mercado e meios de comunicação, passam a se cobrar de mais ocasionando alguns problemas para sua saúde. “Ao invés da procura por um corpo saudável, hoje se busca geralmente o chamado corpo “perfeito”, o que pode levar a exageros” (MIRANDA, 2004). Nos dias atuais os objetivos para adquirir um corpo bonito têm muitos aliados, como as academias, cosméticos, procedimentos estéticos e até cirúrgico que em nenhum outro período da história foi tão valorizado como atualmente e sua tecnologia avança a cada dia para atender toda a demanda social.

“Conhecido como um dos países que mais realizam cirurgias plásticas no mundo, o Brasil registrou 1252 cirurgias estéticas por dia entre setembro de 2007 a agosto de 2008. Ou seja, foram 547 mil cirurgias deste tipo no período. Somadas aos procedimentos reparadores – normalmente feitos em pacientes com uma grave doença ou vítima de violência – 629 mil operações” (Dado de uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), encomendada ao instituto Datafolha, 2009).

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Conhecer a historia da beleza humana da Grécia antiga ate os tempos atuais, enfatizando o crescimento da vaidade entre homens e mulheres.

3.2. OBJETIVO ESPECÍFICO

Identificar historicamente os modelos de beleza humana e as reflexões possibilitadas pela mitologia, filosofia e teorias científicas sobre o belo.

Registrar fatores ligados a beleza humana nos tempos atuais, onde homens e mulheres modificam sua beleza natural par atingir uma padrão exigido pela sociedade.

Avaliar se houve crescimento da vaidade entre ambos os sexos.

4. HIPÓTESE

Acreditamos que não existe esse padrão de beleza humana que as indústrias de cosméticos exigem de homens e mulheres privilegiando a magreza extrema, pois podemos mostrar ao longo da antiguidade que o ser “magro” nem sempre foi sinônimo de beleza.

5. METODOLOGIA

Será feito um estudo de caráter quantitativo e qualitativo para realização desse projeto; pesquisas constituídas através de artigos, revistas, livros encontrados na internet, livros da biblioteca da faculdade, sites de grandes empresas e editoras. Será elaborado uma pesquisa com duração de três meses realizada em 5 clínicas de estética, 3 academias e 2 faculdades na cidade de João Pessoa, onde será distribuído questionários para homens e mulheres com a finalidade de saber se houve crescimento no interesse entre ambos no mercado da beleza.

6. PERSPECTIVA

Espero contribuir com esse projeto afim de melhorar as relações dos seres humanos com seu próprio “eu”, para que reflitam e possa saber a resposta certa a pergunta que levamos por toda uma vida: qual o tipo de beleza que vale a pena? Através desse estudo encontramos várias formas expressar o belo como: a fertilidade, bem, bom, verdadeiro, útil, extravagante, romântico, simples, atual, artificial, entre outros, e mostrar aos homens que não adianta tanta preocupação com sua beleza se cada pessoa a vê de uma forma diferente, o que é bonito para uma pessoa, pode não ser para outra, como diz o ditado popular: “a beleza esta nos olhos de quem vê” (AUTOR DESCONHECIDO).

7. CRONOGRAMA

	Atividades/ períodos	1/12	2/12	3/12	4/12	5/12	6/12
1	Levantamento de leituras	X	X	X	X	X	
2	Montagem do pré-projeto	X	X	X	X		
3	Montagem do projeto				X	X	
4	Coleta de dados				X	X	
5	Tratamento de dados					X	
6	Elaboração do relatório final					X	
7	Revisão do texto					X	
8	Entrega do trabalho com resultado						X

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAYER, RAYMOND. História da Estética. 6ª Ed. 1993 - Lisboa: Estampa, 1995.

BONUMA, TATIANA. Agosto 2009, ed.25, Revista da Cultura. Disponível em: <http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc25/index2.asp?page=beleza_tempo>. Acesso em 29/03/2012.

BRUNA BESSI - Janeiro de 2011. São Paulo. iG. Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/financas/seunegocio/beleza+com+toque+masculino/n1237963953740.html>>. Acesso em 09/03/2012.

CADU VILA LOBOS E SUELY FERRO. Novembro de 2012 - Rio de Janeiro. Revista griffe. Disponível em: <<http://revistagriffe.blogspot.com.br/2008/11/mdia-mitos-estticos-e-transtornos-de.html>>. Acesso em 09/03/2012.

CURY, AUGUSTO JORGE. A Ditadura da Beleza e a Revolução das Mulheres. Ed., 1958 -Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

EAGLETON, TERRY. A ideologia da estética. Ed. 1990 - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3ª Edição - Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999.

FILHO, AURIVAR FERNANDES. Graduando de Psicologia – Univali – Campus Biguaçu. Breve Histórico da Beleza Masculina. Ano 3, Nº6, 2010. Disponível em:<<http://antigo.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao6/arquivos/E1-Aurivar-BreveHistoricodaBelezaMasculina.pdf>> Acesso em 29/02/2012..

HAUG, WOLFGANG FRITZ. Crítica da estética da mercadoria. 5ª Ed. 1996 - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

HUME, DAVID. Ensaios políticos, morais e literários, *in*: Berkeley, George e Hume, David. Os pensadores - São Paulo: Nova Cultural, 1989.

INSTITUTO DATAFOLHA. Fevereiro de 2009: pg.A15. O Estado de São Paulo: coluna vida – São Paulo/SP. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=101:ais-registra-12-mil-plasticas-ao-dia&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87>. Acesso em 14/05/201

LUCIO, CARLOS FREDERICO. Abril 2007, revista da ESPM.
Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/37746937/Dove> >. Acesso em 09/03/2012.

MIRANDA, CLARISSA. Abril de 2004 – Santa Catarina. Jornal Vanguarda.
Disponível em: <<http://www.jvanguardia.com.br/2004/04/30/os-padroes-de-beleza-impostos-pela-midia/>> Acesso em 29/03/2012.

MÉLEGA, JOSÉ MARCOS. Cirurgia Plástica Fundamentos e Arte: Cirurgia Estética. Ed., 2003 – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2003.

MERENGUÉ, DEVANIR. A ordem e o mercado de prazeres. In: BRUHNS, Heloisa Turini e GUTIERREZ, Gustavo Luíz (orgs.), Enfoques Contemporâneos do Lúdico: III Ciclo de debates, Lazer e Motricidade – Campinas: Autores associados, 2002.

PELEGRI, THIAGO. Dezembro de 2004. Nº08. Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar – Maringá/PR. Disponível em:
< http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegri.htm >. Acesso em: 08/03/2012.

RENATA FRANCISCO BALDANZA – Mestranda em Comunicação – UERJ.
/ NELSON RODRIGUES DE ABREU – Doutor em Administração – UFLA. Trabalho apresentado ao GT 08 – Políticas e Estratégias de Comunicação, do Intercom Sudeste 2006 Disponível em:<<http://pt.scribd.com/doc/52195871/BELEZA>>. Acesso em 29/03/2012.

SILVA, EDUARDO VERONESE DA. Beleza natural substituída pela artificialidade. Janeiro de 2011. Licenciatura em Educação Física – UFES. Especialista em Direito Militar, UCB/RJ. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/beleza-natural-modificada-pela-artificialidade/57434/>>. Acesso em 07/03/2012.

SILVA, FRANCISCO DE ASSIS. História do Homem: abordagem integrada da história geral e do Brasil. 1ªEd. 1937 – São Paulo: Moderna, 1996.

VALE, LÚCIA DE FÁTIMA. Março de 2005. Nº46. Revista espaço acadêmico.
Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/046/46cvale.htm>>. Acesso em 04/03/2012.

ANEXO I

Sexo () M () F

1. Você é influenciado pelos meios de comunicação para consumir cosméticos?

() sim () não

2. Você acha que existe um padrão de beleza pré-estabelecido na sociedade em que vive?

() sim () não

3. Seus pais fazem uso de cosméticos ou procuram tratamentos estéticos?

() sim () não

4. Você acredita que sua vaidade surgiu da influência dos seus pais ou familiares?

() sim () não () não sou vaidoso(a)

5. Você acredita que ainda existem ligações entre a busca pela beleza humana de milhares de anos atrás até os tempos modernos?

() sim () não

6. Você concorda que a beleza não tem apenas um aspecto superficial e é considerado um conjunto de fatores ligados a saúde, mente e físico?

() sim () não

7. Você concorda que o homem moderno está cada vez mais preocupado com sua aparência e já são grandes consumidores do mercado da beleza?

() sim () não

